



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 11/08/2017

GLOBAL	2
OIE Informe sobre el uso de agente antimicrobianos	2
BRASIL	2
Mejoran los precios de la hacienda ante caída de la oferta	2
Embarques de carne iniciaron el mes de agosto en aumento	2
Frigoríficos acuden a la Justicia por tratamiento impositivo de carnicerías	2
Casos de botulismo bovino no tienen riesgo comercial	3
Congreso no trató el incremento de multas a frigoríficos	3
Rondônia disminuirá un impuesto que incide sobre la exportación de carnes	3
URUGUAY	4
El mercado ganadero en busca de nuevo equilibrio Discrepancias entre la oferta y la demanda por haciendas.....	4
Industrias “están cómodas” y “sin necesidad de valorizar el ganado”	4
Israel oficializó cambios en el proceso de faena kosher	5
MGAP recibió la nueva normativa de Israel para Kösher	5
Varios frigoríficos podrían dejar de exportar carne vacuna a Israel	6
Venta de carne a Israel subió 8,4% en volumen y 7,2% en precio por tonelada	7
Pese a incertidumbre, hay “mucho interés” en producir para la cuota 481	7
Algunos frigoríficos analizan bajar la carne vacuna	7
Los cambios en la vacuna contra la aftosa	8
EEUU rechazó carnes por problemas de abscesos.....	8
Cambio de fase en ciclo ganadero	9
Empresas solicitan permisos para exportar 75.000 reses más este año.....	10
Turquía determinó liberar permisos para la importación de ganado en pie.....	10
PARAGUAY	11
Qatar certifica la carne paraguaya	11
UNIÓN EUROPEA	11
EGIPTO volvió a comprar bovinos vivos de IRLANDA después de 20 años.....	11
IRLANDA IFA identifica factores que perjudican a la ganadería vacuna.....	12
Acuerdo CANADA – UE estiman alto beneficio para productores canadienses.....	12
ESTADOS UNIDOS	13
Ingresos a feed lots 16 por ciento por encima de junio de 2016.....	13
USMEF prevé que JAPON continuará importando pese a aumento del arancel	13
2017 Faena aumenta pero a un ritmo inferior que el año pasado	13
Mejoran los márgenes a lo largo de toda la cadena	14
Buen primer semestre para las exportaciones de carnes bovinas. Japón y Corea colaboraron	14
Reporte del USDA cuestionó el servicio veterinario de CANADA.....	15
VARIOS	15
AUSTRALIA: signos de mejora en la producción de carnes bovinas	15
JAPON Nuevo Ministro de Agricultura no revisará el régimen de importación de carnes bovinas	16
EMPRESARIAS	16
JBS recuperó R\$ 7000 millones en su valor de mercado	16
Propietarios de JBS entregan información sobre esquema de corrupción	16
Marfrig reabre una planta	17



GLOBAL

OIE Informe sobre el uso de agente antimicrobianos

By John Maday, Editor, Bovine Veterinarian August 10, 2017 | A new report from the World Organization for Animal Health (OIE) provides an overview of how countries around the world use antimicrobial agents in food-animal production.

The report, titled "OIE Annual report on the use of antimicrobial agents in animals: Better understanding of the global situation," is available online.

Key findings in the report include:

- A total of 96 of 130 (74%) OIE Member Countries indicated that they do not authorize antimicrobial agents for growth promotion in animals.
- Twenty-five Member Countries provided a list of antimicrobial agents authorised for growth promotion, in which Tylosin and Bacitracin were most frequently quoted.
- Colistin was mentioned by 10 of 25 Member Countries.
- A total of 89 of 130 OIE Member Countries (68%) submitted to the OIE their quantities on the use of antimicrobial agents in animals for years ranging from 2010 to 2015.
- Forty OIE Member Countries reported use of antimicrobial agents through Reporting Option 1, the less detailed option, while 19 Member Countries reported through Reporting Option 2, and 30 Member Countries reported through Reporting Option 3 (the most detailed reporting option). Tetracyclines and Macrolides were the most commonly reported antimicrobial agents used; differences however, were observed between OIE Regions. Tetracyclines and macrolides accounted for more than 60 percent of reported antibiotic use in the Americas but only 22 percent in Asia.
- The main route of administration in animals was the oral route.

The authors note that "further efforts and support will be needed to improve the data collection system and the quality of the data collected by countries. Detailed interpretation of the data also needs further development, in particular to define a denominator (animal biomass) that will allow better data interpretation in the future."

BRASIL

Mejoran los precios de la hacienda ante caída de la oferta

Sexta-feira, 11 de agosto de 2017 - Boi gordo em alta, com notável movimento de recuperação nos preços da arroba.

Em São Paulo, a referência para o boi gordo subiu e ficou cotada em R\$128,00/@ (10/8), à vista, já descontado o Funrural, segundo a Scot Consultoria.

Como reflexo da redução na disponibilidade de boiadas, as escalas de abate encurtaram. As programações dos frigoríficos atendem, em média, quatro dias, mas escalas de dois a três dias são relativamente comuns.

O cenário também é de maior força para os preços da carne bovina.

Na última quinta-feira (10/8) foram verificadas altas para a carne com osso no mercado atacadista, com a carcaça de bovinos castrados cotada em R\$9,05/kg, aumento de 3,5% frente à cotação de abertura desta semana.

Embarques de carne iniciaron el mes de agosto en aumento

Fonte: Scot Consultoria 10 de agosto de 2017 - País exportou 18.900 toneladas de carne bovina in natura na primeira semana do mês

Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, na primeira semana de agosto, o Brasil exportou 18.900 toneladas de carne bovina in natura com faturamento total de US\$81,5 milhões.

A média diária exportada foi de 4.700 toneladas, um aumento de 31,8% em relação ao mesmo período do ano passado. Já em relação a julho deste ano, o volume foi 6,8% menor.

De acordo com projeção da Scot Consultoria, caso o ritmo das exportações continue, o país deverá exportar 108,6 mil toneladas, o que representaria uma alta de 31,8% em relação ao total exportado em agosto de 2016. Seria o terceiro mês consecutivo de alta nas exportações.

Frigoríficos acuden a la Justicia por tratamiento impositivo de carnicerías

09/08/17 - por Equipe BeefPoint Contrariados com o tratamento tributário diferenciado conferido aos açougues desde o fim de junho, os supermercados paulistas decidiram ingressar com uma ação judicial contra o governo do Estado de São Paulo. A intenção das redes varejistas é conseguir a alíquota de 4%



de ICMS que hoje é paga pelos açougues paulistas nas vendas de carnes. Atualmente, a alíquota média de ICMS dos supermercados está próxima de 6%.

Embora o decreto estadual que estabeleceu o regime especial de ICMS para os açougues tenha sido publicado no Diário Oficial do Estado de S. Paulo em 27 de junho, o imbróglio envolvendo supermercados e açougues teve origem em 1o de abril quando entrou em vigor o decreto 62.402, que extinguiu a isenção de ICMS nas carnes que beneficiava varejistas e consumidores desde meados de 2009.

Com a decisão, o varejo – incluindo os açougues – passou a pagar 11% de ICMS nas vendas de carnes e receberam um crédito outorgado de 7%. Na prática, isso significa que, quando adquire R\$ 100 em carnes, o varejo tem um crédito tributário de R\$ 7. Como as varejistas embutem uma margem no preço de venda da carne, a alíquota de 11% incide sobre o preço final. Assim, a alíquota efetiva é a diferença entre o valor a ser pago e o crédito apurado.

De acordo com a Associação Paulista de Supermercados (Apas), no caso dos supermercados a alíquota efetiva é, em média, de 6%.

Em tese, os açougues também pagariam a mesma alíquota, mas o Sindicato do Comércio Varejista de Carnes Frescas do Estado de São Paulo protestou contra a medida. De acordo com o presidente da entidade, Manuel Henrique Farias Ramos, a Secretaria da Fazenda foi acionada.

“Nossos contadores concluíram que pagaríamos 9,1% de ICMS. Obviamente, isso inviabilizava completamente os açougues”, argumentou. Diante da situação, disse Ramos, a Secretaria da Fazenda propôs o regime especial com a alíquota de 4%.

Procurada, a Secretaria da Fazenda informou que o regime especial de ICMS para os açougues foi feito para “simplificar” o recolhimento do tributo e para facilitar o trabalho do Fisco, dispensando o “confronto entre as informações do imposto devido sobre as operações tributadas e os créditos fiscais das operações anteriores”. Segundo a Fazenda, a medida não é aplicável aos supermercados porque eles comercializam diversos produtos.

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Casos de botulismo bovino no tienen riesgo comercial

10/08/17 - por Equipe BeefPoint A suspeita de botulismo bovino em Mato Grosso do Sul não representa risco comercial para o Estado, assegurou o diretor- presidente da Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal de Mato Grosso do Sul (Iagro), Luciano Chiochetta.

O veterinário explicou que a doença não é infecciosa, mas resultado de um intoxicação alimentar. “Não existe restrição nenhuma. A única providência é destruir [o rebanho afetado]”, disse.

De acordo com Chiochetta, o caso em questão envolveu 1,1 mil cabeças de gado de uma propriedade rural Ribas do Rio Pardo. Os animais, que apresentaram sintomas da doença, já foram sacrificados e enterrados.

A suspeita da Iagro é que os bovinos tenham sido intoxicados ao consumir silagem de milho. Nas visitas que os técnicos da Iagro fizeram à fazenda de Ribas do Rio Pardo, foi encontrada silagem embolorada.

Na sexta-feira, sairá um dos laudos que poderá confirmar a doença.

Congreso no trató el incremento de multas a frigoríficos

10/08/17 - por Equipe BeefPoint Uma semana depois de ter aprovado o texto-base da Medida Provisória 772/17, que aumenta de R\$ 15 mil para R\$ 500 mil o valor máximo de multa para frigoríficos que infringirem a legislação sanitária, a Câmara dos Deputados decidiu não submeter a MP a votação.

A justificativa, segundo o portal de notícias da Câmara dos Deputados, é que não haveria tempo hábil para os parlamentares votarem essa MP na Câmara e no Senado e que, além disso, ela estava “trancando” a pauta, juntamente com a MP 774/17, que acaba com a desoneração da folha de pagamentos, e a MP 773/17, que trata de gastos com educação.

“Tínhamos prazo muito pequeno para aprovação e, por exemplo, uma MP que reonera setores da economia em um país que tem alta carga tributária (caso da MP 774) exige grande debate”, disse o deputado Beto Mansur (PRB-SP).

O presidente do Senado, Eunício Oliveira, confirmou também que os senadores não teriam tempo para votar as medidas antes de seu vencimento.

O Portal da Câmara adiciona que, de acordo com a Constituição Federal, os parlamentares terão que editar um decreto legislativo para disciplinar os efeitos jurídicos gerados durante a vigência das medidas provisórias que não forem convertidas em lei. Na ausência do decreto, permanecem os efeitos da MP no período em que ela vigorou.

Rondônia disminuirá un impuesto que incide sobre la exportación de carnes

09/08/17 - por Equipe BeefPoint O governo de Rondônia reduziu em 80% o imposto que incide sobre a exportação de carne no Estado. A queda no valor do imposto foi anunciada na segunda-feira (7).



O objetivo, segundo o secretário de Finanças (Sefin) Wagner Garcia, é fomentar a exportação e socorrer os pecuaristas do estado que, segundo ele, ainda sofrem as consequências dos vários eventos que prejudicaram o setor em todo o país, especialmente a Operação Carne Fraca, da Polícia Federal.

De acordo com a assessoria do Governo, Rondônia tem cerca de 600 mil cabeças de boi gordo no pasto, pronto para o abate. O decreto 22.160, que oficializa a redução no imposto, assinado na sexta-feira (4) e tem prazo de vigência até 31 de dezembro deste ano.

A expectativa da Sefin é que, até o final do ano, os bois prontos para o abate nas fazendas sejam todos comercializados, equilibrando o mercado e a economia estadual.

O decreto 22.160, de acordo com o Governo, estabelece a redução do imposto sobre a carne em 80% nas operações interestaduais com gado bovino em pé, da produção interna, de forma que a carga tributária resultante seja equivalente a aplicação do percentual de 2,4% sobre o valor da operação.

Fonte: G1, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

URUGUAY

El mercado ganadero en busca de nuevo equilibrio Discrepancias entre la oferta y la demanda por haciendas.

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Agosto 11, 2017 Existe una discrepancia entre la oferta y la demanda que por ahora la industria la cubre

con ganado de corrales y el uso de carne stockeada tras altas faenas

El mercado ganadero ha pasado a tener una discrepancia entre oferta y demanda que por ahora se cubre mayoritariamente con ganados de corrales y con el uso de carne que está stockeada luego de las altas faenas de las semanas anteriores.

La industria en algunos casos no pasa precios. Tacuarembó y Canelones están sin faenar, en otros casos pasa precios por debajo de US\$ 3,20 el kilo, que los productores no suelen aceptar y algunas operaciones se concretan con los US\$ 3,20 como una referencia máxima para ganados de pasturas.

La disminución de los días de faena de algunas industrias se notó en la actividad de la semana pasada, de las más bajas del año con 36.229 vacunos, 13% inferior a los 41.668 de la semana pasada y un 17% por debajo al de igual período del año pasado, cuando se faenaron 43.696 animales.

En el mercado se percibe una firmeza persistente del ganado de reposición que se ve reafirmada por la abundancia de pasturas que limita la oferta de quienes tienen ganado y hace más imperiosa la necesidad de comprar por parte de quienes venden. Esa situación también lleva a que ante la baja de precios la oferta se encuentre retirada.

Los números de la faena

En la semana pasada fue notoria la caída en la faena de novillos. Fueron 17.186, 19% por debajo de los 21.248 de la semana anterior y 21% inferior a los 21.850 faenados un año atrás.

La faena de vacas en 18.556 bajó 7% respecto a la semana anterior y fue 12% menos que en la semana respectiva de 2016. Representaron el 51% del total faenado mientras que los novillos el 47%.

La faena de julio en vacunos fue 23% menor a la de junio y 13% menor a la de julio del año pasado. Marca el comienzo de una fase de escasa oferta en el ganado vacuno, que debe seguir por lo menos por lo que resta de este año. Entendemos que está empezando una fase de retención de vientres y expansión del rodeo (ver nota en páginas 8 y 9).

El precio de exportación repuntó en las últimas tres semanas y se empareja al del año pasado, del que está solo 0,7% abajo, a pesar de un aumento fuerte del volumen colocado este año.

Por tercera semana consecutiva aumenta el precio de exportación de carne vacuna y es el precio más alto desde la semana cerrada al 24 de junio.

En la semana pasada el precio de la carne vacuna exportada promedió US\$ 3.594 por tonelada, un 4% superior a los US\$ 3.471 de la semana anterior y 10% más que los US\$ 3.264 de igual período pero de un año atrás.

El valor promedio de las últimas cuatro semanas móviles fue de US\$ 3.384 por tonelada. En lo que va del año el precio se acerca a los US\$ 3,400, quedó en US\$ 3.389, 0,7% que el acumulado en 2016 a esta fecha.

Industrias “están cómodas” y “sin necesidad de valorizar el ganado”

10/08/2017 Novillos se ubican en US\$ 3,10 y vacas entre US\$ 2,85 y US\$ 2,90.

El mercado de haciendas gordas viene experimentando un quiebre en los precios durante las últimas dos semanas. “La industria, con una posición más cómoda, comenzó no pasando valores para las compras y luego cotizando muy por debajo de lo que se venía trabajando”, afirmó Diego Arrospide, director del escritorio Antonio Arrospide Otegui e Hijos.



El consignatario de Florida dijo a Rurales El País que el mercado “está buscando un equilibrio que no se ha encontrado” y eso “se ve reflejado en el bajo volumen de los negocios que se hacen”. Como referencia marcó US\$ 3,10 para los novillos, algunas plantas pasan por debajo de esos valores, entre US\$ 2,85 y US\$ 2,90 para las vacas, y un máximo de US\$ 3,05 para las vaquillonas en cuarta balanza con cargas para 15 días.

A los precios actuales, el productor “se resiste a vender” porque el clima ha ayudado a un buen estado de los campos e “intentan valorizar el ganado lo máximo posible sumando más kilos”, comentó el empresario. Arrospide estimó que para la próxima semana “se podría tener un panorama más claro del mercado y ver dónde se sitúa el precio”. Actualmente la industria “está cómoda y sin la necesidad de pasar más plata por el ganado, además están cumpliendo con los compromisos de los animales de corral”, finalizó.

Israel oficializó cambios en el proceso de faena kosher

07/08/2017 Esta nueva exigencia va a provocar “una transformación importante en los jugadores del mercado”, aseguró especialista en faena kosher.

Israel oficializó una nueva normativa en el proceso de faena kosher de vacunos, que consiste en la “implementación de sistemas mecánicos que garantiza la inmovilización de los animales con un mejor nivel de bienestar animal”, explicó a Rurales El País Felipe Kleiman, consultor especializado en proyectos y operaciones de faena Kosher.

Explicó que muchos países del mundo “han incorporado la utilización de cajones de rotativa donde el animal ingresa al cajón y por medio de un comando gira y lo ubica en una posición ideal de faena”. Kleiman dijo que el sistema permite mayor contención y menos estrés en el animal, entre otras ventajas. Mientras tanto, “acá en el Mercosur se usa un sistema más antiguo”.

El especialista aseguró que esta nueva exigencia va a provocar “una transformación importante en los jugadores del mercado” por el nivel de inversión que requiere la instalación de la plataforma. Israel es un negocio que mueve en Sudamérica más de US\$ 320 millones anuales, lo que significa un mercado destacado para los países de la región. En lo que va del año Uruguay exportó carne vacuna bajo el rito kosher por US\$ 88,1 millones.

Kleiman comentó que la inversión necesaria para la instalación del equipo es destacada. El cajón con la implantación puede tener un costo de 200 a 600 mil dólares dependiendo del grado de facilidad de instalación de los frigoríficos. “No solo se requiere el cajón, sino también un espacio superior dentro de la planta que puede llevar a invertir en reformas y ampliaciones”, añadió.

Operacionalmente, el especialista en faena kosher dijo que el proceso será más lento al tradicional. “Hoy se pueden faenar entre 80 a 85 animales en una hora, mientras que con el cajón rotativo serán entre 50 a 60 cabezas en el mismo tiempo”, detalló.

Sin embargo, una vez definido el proceso va a permitir alcanzar “certificaciones respetables en bienestar animal y eso puede mejorar los ingresos a los mercados para esta producto”. Además, Kleiman aseguró subas en el precio de importación por parte de Israel; lo que “cambiará la dinámica del mercado”.

MGAP recibió la nueva normativa de Israel para Kösher

10/08/2017 La industria deberá cumplirla a partir del 1° de junio de 2018.

El Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca ya recibió la nueva exigencia impuesta por Israel para sus faenas de bovinos bajo el rito Kösher, según supo El País.

El servicio veterinario de Israel exige a partir del 1° de junio de 2018 la instalación de cajones de volteo que inmovilizan al animal de manera delicada. Esos cajones giran y lo deja en posición para que el rabino desangre, mejorando el bienestar animal.

De este modo, cedió a las presiones de los grupos defensores del bienestar animal, luego de recibir una demanda popular en la Suprema Corte de parte de personas jurídicas que congregan los derechos de los animales, informó a El País esta semana el consultor especializado en proyectos y faena ritual para Israel, Felipe Kleiman.

El consultor explicó también que, a raíz de eso las autoridades sanitarias israelíes, ante la falta de actuación de los países, determinó que aquellos que quieran exportar carne a Israel, “tendrán que adherir a estas nuevas normas planteadas”.

En las próximas horas, se enviará la nueva exigencia desde el MGAP a los frigoríficos uruguayos, que ya están al tanto de la normativa.

El problema no es sólo el costo de esa tecnología —que algunos frigoríficos uruguayos ya tienen o la adaptaron basándose en el ingenio—, sino las obras de ampliación que hay que hacer en las plantas para instalarla. En muchos frigoríficos esas ampliaciones resultan muy engorrosas.

Kleiman explicó que “Uruguay y muchos países han aprobado normas que garanticen que los animales sean tratados con más respeto. Sin embargo, el Mercosur de manera general no lo hizo, hasta que llegó un punto muy difícil de conciliar por parte de las autoridades israelíes”.



A su vez, el presidente de la Asociación de la Industria Frigorífica del Uruguay (Adifu), Dr. Marcelo Secco dijo a El País esta semana que de ser aprobada tal cual fue presentada la nueva exigencia de Israel, puede haber muchas plantas que dejen de exportar carne a ese mercado y eso va a tener un efecto que se evaluará posteriormente”.

Secco que su vez es CEO para el Cono Sur del Grupo Marfrig, recordó que “Israel tiene la presión por defender el bienestar animal en la faena kósher, pero también sabemos que Uruguay no puede estar diciendo que sí, aceptando de puño y letra todo tipo de reglamentaciones que lleguen, porque tiene que contemplar a muchos países. Hay que ser lo más amplio posible y aplicando un criterio técnico”.

Varios frigoríficos podrían dejar de exportar carne vacuna a Israel

07/08/2017 - Nueva exigencia abarca obras costosas para inmovilización del ganado.

La industria frigorífica uruguaya y la Dirección General de Servicios Ganaderos, la dependencia sanitaria del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, están analizando la nueva normativa que pretende imponer Israel para mejorar el bienestar animal en sus faenas de vacunos bajo el rito Kósher.

Se trata de la instalación de cajones de volteo que inmovilizan al animal de manera delicada, que gira y lo deja en posición para que el rabino desangre, mejorando el bienestar animal. El problema no es sólo el costo de esa tecnología —que algunos frigoríficos uruguayos ya tienen o la adaptaron basándose en el ingenio—, sino las obras de ampliación que hay que hacer en las plantas para instalarlo.

La Dirección General de Servicios Ganaderos fue notificada días atrás por las autoridades sanitarias de Israel y la exigencia viene siendo analizada con criterios técnicos.

El mismo problema enfrentan los servicios veterinarios y la industria cárnica de los demás proveedores del Mercosur: Brasil, Argentina e incluso Paraguay. La fecha tentativa para que esta tecnología quede instalada en los frigoríficos es mediados de 2018.

ALERTA. “De ser aprobada tal cual fue presentada, puede haber muchas plantas que dejen de exportar a Israel y eso va a tener un efecto en el mercado que se evaluará posteriormente”, advirtió a El País el presidente de la Asociación de la Industria Frigorífica del Uruguay (Adifu), Dr. Marcelo Secco, que a la vez es CEO para el Cono Sur del Grupo Marfrig.

Secco recordó que para muchas empresas, instalar esa nueva tecnología y las ampliaciones que tienen que hacer en sus instalaciones “no solo va a ser costosa, sino que en algunos casos, diría que hacerlas con criterio resulta casi imposible”.

Por otro lado, el industrial afirmó que tal cual plantea Israel la normativa “hay mucha información técnica que, de cierta forma, contradice lo que la nota en sí plantea”, por eso se promueve un intercambio técnico con las autoridades de Israel. Es que Uruguay es centro de referencia regional en bienestar animal reconocido por la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE), el organismo que regula el comercio de carnes, animales y subproductos en el mundo.

“Israel tiene la presión por defender el bienestar animal en la faena kósher, pero también sabemos que Uruguay no puede estar diciendo que sí, aceptando de puño y letra todo tipo de reglamentaciones que lleguen, porque tiene que contemplar a muchos países. Hay que ser lo más amplio posible y hay un criterio técnico para defender”, explicó Secco.

Años atrás la Unión Europea también intentó cambiar la normativa de bienestar animal para los animales abatidos con ese origen, planteando en la industria la instalación de camas de descanso —lo que incrementaba el riesgo de contaminación de la carcasa—, cuando en Uruguay no se justifica, porque el ganado no recorre distancias tan largas como en la Unión Europea antes de ser abatido.

PRESIONES. A su vez, el consultor especializado en proyectos y faenas Kósher, Felipe Kleiman, recordó que “el servicio veterinario de Israel, que es el responsable de lo que entra por alimentos de origen animal, sufrió una demanda popular en la Suprema Corte de parte de movimientos de derecho de los animales, personas jurídicas que congregan los derechos de los animales. A raíz de eso determinó, ante la falta de actuación de los países, que aquellos que quieran exportar carne a Israel, tendrán que adherir a estas nuevas normas planteadas”.

Kleiman explicó que “Uruguay y muchos países han aprobado normas que garanticen que los animales sean tratados con más respeto. Sin embargo, el Mercosur de manera general no lo hizo, hasta que llegó un punto muy difícil de conciliar por parte de las autoridades israelíes”.

El especialista destacó que Uruguay “tiene plantas que ya poseen este equipo de faena. De los cuatro países del Mercosur es el que está más adelantado. Ahora será obligatorio instalar los nuevos equipos de inmovilización para faena kósher y ese es la piedra del escándalo. Hay plantas en la región y en Uruguay que no quieren hacer esa inversiones”.

VENTAJA. Según Kleiman, la instalación de los equipos que Israel pretende sean obligatorios para sus proveedores de carne, no sólo trae gastos, sino también beneficios.

“Un beneficio muy grande es que nos sacamos de arriba ojos que están procurando problemas. Cumplimos con un pasivo, cerramos una puerta que nos podría traer problemas. Ese es el primer beneficio”, afirmó el asesor y especialista en operaciones de faena Kósher.



Según su punto de vista, otro de los beneficios para la industria frigorífica una vez adoptada la normativa que promueve Israel, es que “podrá mandar los traseros a mercados que hoy no aceptan esa carne . En el futuro la planta que hará kósher tendrá un certificado de bienestar animal, va a poder acceder con la misma carcasa a otros mercados”. Entre esos mercados está, por ejemplo, la Unión Europea, donde van los cortes de mayor valor de la res: lomo, bifes y cuadril.

Kleiman dice que “el escenario es bueno, por más que caiga la productividad y haya que invertir más dinero”. El cajón de inmovilización tiene un costo estimado de entre US\$ 200.000 y US\$ 600.000, pero la faena es mucho más lenta y va entre 50 y 60 vacunos por hora.

Venta de carne a Israel subió 8,4% en volumen y 7,2% en precio por tonelada

07/08/2017 - Ingresaron US\$ 80,1 millones. La exportación de delanteros vacunos uruguayos hacia Israel creció 8,4%, medida en volumen — peso canal— y otro 7,2% en dólares, tomando datos parciales hasta fines de julio, según los datos del Instituto Nacional de Carnes (INAC) hasta el pasado 29 de julio y comparándolos con igual fecha del año pasado.

Se colocaron 20.730 toneladas peso canal contra 19.109 toneladas vendidas a igual fecha del 2016. En divisas fueron US\$ 80.111.000 contra US\$ 74.664.000, respectivamente.

El 80% de la carne vacuna que tiene por destino Israel —el mercado que sólo compra delanteros vacunos por razones religiosas— es aportada por los países del Mercosur.

El mercado para carne certificada bajo faena ritual kósher manejó alrededor de US\$ 400 millones en 2016 y va a más. Este tipo de faena religiosa implica que deba ser certificada por los rabinos para que esa carne sea admitida en Israel y aceptada por sus consumidores. Los equipos de rabinos especializados supervisan y realizan toda la faena en cada uno de los frigoríficos.

Pese a incertidumbre, hay “mucho interés” en producir para la cuota 481

09/08/2017 - Actualmente hay más de 150 corrales habilitados por el MGAP, aunque muchos de esos están inactivos. La Mesa Nacional de Alimentación a Corral (MAC) realizó una encuesta para conocer cuáles son las dudas de los productores y qué resultados buscan de esta asociación. Daniel Miranda, presidente de MAC, dijo que a pesar de la incertidumbre con el futuro de la cuota 481, la gente “continúa mostrando interés en producir para el cupo” y “es el negocio que predomina en los corrales”.

Miranda contó que actualmente hay unos 150 corrales de engorde habilitados por el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), aunque no todos están activos. Del total, un 48,5% de los aprobados tienen una capacidad menor a los 1.000 animales, un 24,2% entre 1.000 a 2.000, 9,1% entre 2.001 a 3.000 y el porcentaje restante una disponibilidad superior a las 3.001 cabezas.

Comentó que desde la Mesa se calcula una “capacidad estática de unas 250.000 cabezas”, pero “no se conoce cuanto pertenece a cada industria porque además de los corrales propios hacen convenios con terceros”, expresó Miranda.

Según los datos recogidos, el objetivo principal del corral de engorde está destinado para la cuota 481 con un 72,7% del total, seguido por el engorde para abasto con 9,1%. En tercer y cuarto lugar se destina para la exportación de ganado en pie y la recría de terneros. Los departamentos de Cerro Largo (27,3%), Canelones (21,2%) y Maldonado (15,2) cuentan con un mayor número de feedlots.

La observación arrojó que hay un fuerte interés porque la Mesa Nacional de Alimentación a Corral mejore el relacionamiento entre los corrales y la industria en busca de precios a futuro. El 45,5% demostró la necesidad de mejorar el resultado del negocio y el 45,4% en mejorar aspectos reglamentarios y de relacionamiento con el estado.

Algunos frigoríficos analizan bajar la carne vacuna

09/08/2017 - Sería la semana que viene si el ganado gordo sigue a la baja. Algunos frigoríficos exportadores dedicados al abasto interno analizan bajar o ven posible una baja del precio de la carne vacuna a partir de la semana que viene, trasladando —si se mantiene— la baja del precio del ganado gordo. Así lo mostró un sondeo realizado por El País entre las empresas que manejan la mayor porción del abasto.

Como ya es tradicional en los meses de invierno —conocidos como de postzafra— la oferta de ganado gordo disminuye y sube el precio de la carne en el mercado interno. A la vez, cuando la oferta de ganado gordo crece y cae el precio, el valor de la media res que entregan los frigoríficos a las carnicerías, vuelve a bajar.

En los últimos 45 días la carne vacuna subió cuatro veces, trasladando el incremento del precio de la hacienda gorda y lleva un aumento de 11%. El pollo no se quedó atrás y en los últimos 35 días subió \$ 15 por kilo; lleva cinco subas desde que comenzó el mes de julio.

Los frigoríficos consultados por El País sostuvieron que es difícil que bajen el precio de la carne vacuna en lo que queda de la semana, pues el ganado para las faenas está comprado. La planilla de la



Asociación Consignatarios de Ganado manejó esta semana US\$ 3,21 por kilo para el novillo gordo; US\$ 3,16 para el bueno; vaca gorda: US\$ 3 por kilo; US\$ 2,92 por kilo la vaca gorda buena y US\$ 2,88 por kilo para las vacas generales.

En las últimas horas, uno de los abastecedores fuertes del mercado interno bajó \$ 3 por kilo la carne con hueso y \$ 5 las pulpas en caja, pero según los comerciantes, estaba con precios más altos. A su vez, ingresan dos camiones semanales con cortes delanteros bovinos desosados y envasados al vacío desde Brasil para el distribuidor del abasto que maneja la mayor porción de ese mercado.

El Grupo Marfrig, que trabaja con varios distribuidores, también trae desde Rio Grande do Sur dos o tres camiones semanales con, mayoritariamente, cortes del trasero sin hueso y envasados al vacío, pero también ingresa cortes del delantero en igual condición.

Los cambios en la vacuna contra la aftosa

10 de agosto de 2017 El próximo periodo de vacunación contra fiebre de aftosa tendrá modificaciones tanto en la aplicación como en la composición de la vacuna para evitar la generación de abscesos (lesiones en el tejido muscular), confirmó Eduardo Barre, director de Servicios Ganaderos del Ministerio de Ganadería Agricultura y Pesca (MGAP).

Los cambios comenzarán a implementarse a partir de la próxima vacunación, en febrero del 2018, dijo al programa Tiempo de Cambio de radio Rural. La vacuna se aplicará de forma subcutánea en vez de hacerlo de forma intramuscular. "El efecto es el mismo, se diferencian en que la intramuscular tiene un acción más rápida a nivel linfático", explicó.

Un segundo cambio a realizar será la uniformidad de las vacunas, todas se estandarizarán en dos mililitros, ya que en Uruguay hay vacunas de dos y tres mililitros. "Esto no será para febrero de 2018, pero sí para después, porque ya se ha hecho la licitación de compra de las vacunas para utilizar en ese período", remarcó.

El tercer cambio tiene que ver con la saponina como "vehículo" del principio activo de la vacuna. Este adyuvante tendrá un máximo en cantidad ya que también contribuye a empeorar el problema de los abscesos.

Barre remarcó que con estas medidas, sumado a las reuniones con industrias para asegurar un buen dressing, se minimizarán las posibilidades de pérdida.

Estos cambios en la vacunación fueron impulsado luego de que EEUU rechazara algunos embarques de carne uruguaya por presencia de abscesos, el mes pasado.

"Los lotes vetados serán reinspeccionados en Uruguay y destinados al mercado interno o a algún otro destino en el que si pueda entrar", finalizó

EEUU rechazó carnes por problemas de abscesos

Agosto 5, 2017 El producto fue reenviado a otros mercados

Varios contenedores con carne fueron rechazados por EEUU por problemas de micro abscesos por problemas aparentemente relacionados con las vacunaciones contra la fiebre aftosa, efectuadas en los periodos de febrero y mayo pasado, destacó a El Observador el delegado de Cooperativas Agrarias Federadas (CAF), ante el Instituto Nacional de Carnes (INAC), Jorge Slavica.

El delegado de la Sociedad de Medicina Veterinaria del Uruguay ante la Comisión Nacional Honoraria de Sanidad Animal (Conhasa), explicó que según los servicios sanitarios del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), estos abscesos se producen más en esta época del año, luego de la vacunación de todo el rodeo vacuno en febrero y los animales menores de dos años en el mes de mayo.

La carne rechaza en EEUU fue enviada a otros mercados, según publicó Blasina y Asociados.

Slavica explicó que la vacunación contra la fiebre aftosa puede provocar abscesos porque tiene dos componentes, uno es el antígeno que produce inmunidad y el otro es el adyuvante que es otra sustancia química que aumenta la respuesta inmunitaria de los animales.

En Uruguay se está utilizando vacunas oleosas, que provocan que se vayan eliminando los antígenos de manera lenta y prolongan la inmunidad durante mucho más tiempo y puede provocar alguna irritación en la zona de aplicación de la vacuna. Por otro lado, también puede provocar irritación el propio acto de vacunación. Se puede vacunar con una aguja más corta y pinchar en el lugar que no es debido y generalmente cuando se trabaja con muchos animales la aguja se va contaminando por el uso en forma masiva de este elemento, explicó Slavica.

El veterinario opinó que el replanteo en este tema y referido a los componentes de la vacuna es algo que compete estudiarlo a la Dirección General de los Servicios Ganaderos. A su vez los veterinarios de campo "lo que tenemos que hacer es recomendar a los productores es que la vacunación se realice en condiciones apropiadas desde el punto vista higiénico. Por ejemplo, hay gente que entre animal y animal desinfecta la aguja, lo que no siempre se puede hacer con todas las vacunas, pero que sí se puede hacer con la vacuna contra la fiebre aftosa.



Cambio de fase en ciclo ganadero

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

Agosto 11, 2017 Las condiciones climáticas favorables casi aseguran dos pariciones abundantes, una empezando en estos días y la otra casi asegurada dentro de un año, lo que abre un horizonte productivo auspicioso

La ganadería viene sumando su mayor racha de suerte climática en mucho tiempo. Lluvias regulares, temperaturas templadas en el invierno luego de un verano lluvioso. Pocas heladas fuertes.

El campo natural ha permanecido verde y el rebrote ya se empieza a notar en el norte del país. Los verdes y praderas han producido forraje como pocas veces se ha visto. En pocas semanas más se estarán cumpliendo metafóricamente 12 meses de primavera, porque la combinación de lluvias y la benevolencia de temperaturas ha sido llamativa.

Y esa situación tan inusual tiene consecuencias favorables para los productores y lleva a un cambio en la lógica de funcionamiento ganadero. En un plano general permitió bajar costos por kilo de carne producido y permitirá sin muchos cambios en los sistemas de producción generar bastantes más terneros en esta primavera, que están empezando a nacer en los próximos días y que serán contabilizados en el próximo otoño.

Un salto todavía mayor puede darse en la parición siguiente que bien puede arrimarse a 2,9 millones de cabezas y marcar un nuevo récord en la producción nacional.

La sucesión de dos altas producciones de terneros a bajo costo que vendrá gracias a la fortuna climática cambia un factor que ha sido adverso para un segmento de la producción: la invernada ha tenido las de perder en 2015 y 2016, ha comprado mucho más caro de lo que ha vendido porque además ha debido competir con la exportación en pie. La ganadería de bajo costo que en años pasados derivó en menor preñez y más faena de vacas de descarte, ahora se da vuelta sin que medie para ello un cambio dramático del escenario ganadero.

Aunque el invierno excepcionalmente favorable para la ganadería es un factor fundamental, hay algunas incertidumbres. La exportación en pie, que en algunos momentos tenía permisos demorados y que en enero y febrero pasado hizo una pausa, ha ratificado su funcionamiento como garantía de precios para los terneros. Eso estimula a entorar. Y por otro lado el cupo 481, que un año atrás parecía en riesgo por la victoria del presidente antiglobalización Donald Trump, ahora parece un negocio afianzado. De modo que aunque precios y márgenes se han reducido, la variabilidad de los precios es baja y la fluidez de colocación alta, el pasto abunda en la época del año en el que es más escaso. Señales que dan el puntapié inicial a una nueva fase expansiva del ciclo ganadero.

En los grandes números no se verán cambios de corto plazo. La faena en este segundo semestre será levemente inferior a la del segundo semestre del año pasado. La faena de vacunos que en los 12 meses finalizados en junio llegó a pasar los 2,4 millones de vacunos cerrará el año en 2,3 millones.

La faena de vacas bajará y la de novillos permanecerá relativamente constante y logrará crecer un poco más este año. El dato de julio fue fuerte: 23% menos de ganado faenado respecto a junio y 13% menos que en julio de 2016. De modo que paradójicamente en las cifras de producción y exportación se observará una retracción que es una buena señal.

Cuanto menor sea la faena más clara será la señal de que los ganaderos apuestan a expandir la producción futura. Previsiblemente la caída en la faena de vacas fue mayor: 14% menos que en julio pasado. En agosto se mantendrá esa lógica de retracción.

Las vacas, que fueron hasta ahora una categoría abundante, y aún así lograron sostener precios, ahora pasan a ser una categoría relativamente escasa y más demandada. Producir terneros es un negocio seguro y, dada la situación forrajera, de relativamente bajo costo, una apuesta previsible.

Si se dieran condiciones medianamente favorables, la ganadería podría tener un envión importante para el comienzo de la próxima década. Al menos en sus cifras macro: más terneros, más stock y una lógica algo más equilibrada para los invernadores.

Por supuesto que todavía falta mucho. Puede dejar de llover en cualquier momento de setiembre en adelante y todo este envión se vería al menos resentido. Pero si de ahora en adelante el clima es normal, el envión estará. Es casi seguro que se calzará una primavera de rebrote temprano. Podría venir una bajada fuerte del ganado gordo si el mercado siguiera la lógica que tuvo en 2016, pero eso parece menos probable luego de la abundante faena del primer semestre y la buena situación forrajera.

Si los precios del ganado gordo se estabilizan en estas semanas clave, la ganadería uruguaya estará empezando un camino que afianzará un stock de más de 12 millones de animales. Y así esperará a la apertura del mercado de Japón con una potencial productivo importante de mediano plazo.

Es casi seguro que será una zafra de reproductores muy interesante y que, si el verano es normal, la preñez será muy buena. Eso lleva el buen abastecimiento de terneros hasta 2020. Y la faena de vientres debería ser relativamente moderada.

¿Puede esto traducirse en un uso más eficiente de la capacidad instalada de la industria? ¿Podrán estos terneros que nacerán en 2020 volver a conquistar los US\$ 4.000 la tonelada como precio promedio de la



carne exportada que permitan una ecuación más holgada a los invernadores? ¿Lograrán diversificarse los nichos de exportación para carne terminada a corral? ¿Habrá mejoras de competitividad que permitan sostener el crecimiento? ¿Se logrará una capacidad de resistencia importante para afrontar los tiempos en los que el clima se ponga en contra? Por ahora la ganadería parece ganar tiempo y a pesar de un dólar planchado que hace muy difícil todos los procesos productivos junta fuerzas y ahorra en vacas para aumentar la producción tal vez para acercarse a los récords de 2006 que desde entonces no pudieron superarse.

La ganadería, aunque atenuados, se mueve en ciclos. En esta expansión de la faena llegó al cierre de junio a superar los 2,4 millones de vacunos faenados. En 2006 llegaron a faenarse 2,6 millones. Tras las buenas producciones de terneros que seguramente vendrán en 2018 y 2019 puede que la ganadería se acerque a una nueva lógica que sostenga una salida de ganado en pie que dé garantías a la cría y una faena más importante y estable que ayude a cerrar las cuentas de los frigoríficos.

La producción de terneros de 2019 puede ser la mayor de la historia. Cuán sostenible sea el crecimiento en la producción de terneros de los dos años por delante dependerá de las señales que el productor reciba del Estado y de la industria. En Argentina el gobierno aprobó reintegros para acelerar el crecimiento. Aquí una señal de ese tipo consolidaría lo que el azar climático ha dado de forma circunstancial.

El combustible oculto de la ganadería

Entre varios factores que pueden estar conformando un nuevo momento para la ganadería uruguaya uno podría ser estructural. El maíz abunda en la región como nunca antes. Brasil y Argentina suman producciones récord, Paraguay logra excedentes importantes año tras año y en Uruguay la producción local ha logrado rendimientos altos, en particular en el último año.

La suma de pasturas naturales y sembradas abundantes en su producción por hectárea y granos a precios accesibles habilita todas las opciones de alimentación para el productor que se ha ido habituando a combinar dietas más complejas. Eso podrá ser una fuente de sustentabilidad para el crecimiento ganadero que no aparecerá en ninguna estadística, pero que mejorará las relaciones insumo/producto. Lo mismo es válido para la lechería, que luego de pasar dos años de dificultades se apresta, como la ganadería de carnes, a tener una primavera que consolidará un ciclo de expansión en la producción. Resta ver si la expansión puede llegar a los ovinos que tuvieron en esta semana el dato de un precio en suba en el mercado internacional, que tienen en carpeta la apertura de mercados que pueden significar un salto de precios, pero que siguen atrincherados por los ataques de perros, jabalíes y amigos de lo ajeno.

Empresas solicitan permisos para exportar 75.000 reses más este año

10/08/2017 - Hasta el 31 de julio se exportaron 123.000 animales en pie.

La determinación del gobierno turco de liberar los permisos para la importación de vacunos en pie provenientes de países de América del Sur y Norte generan expectativas favorables para una operativa más fluida en durante el segundo semestre.

Para lo que resta del año las empresas exportadoras solicitaron al Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca permisos por 75.000 animales que en el futuro van a ingresar en las cuarentenas, comentó a Rurales El País Carlos Fuellis, director de Sanidad Animal del MGAP.

Hasta el 31 de julio Uruguay lleva exportado cerca de 123.000 vacunos en pie, dijo Fuellis. Detalló que Turquía con 116.000 cabezas es el principal destino para la exportación del país. También han salido animales para China, barco que se prevé que llegue en los próximos días, Brasil y Paraguay.

De mantenerse todos los datos mencionados y la demanda es estable, el director de Sanidad Animal aseguró que se podría cerrar el año con unas 200.000 cabezas exportadas en pie. Esta semana se prevé la salida de un barco con 8.000 terneros para engorde de una firma local.

Turquía determinó liberar permisos para la importación de ganado en pie

10/08/2017 - La liberación de permisos es para la importación de vacunos desde América del Sur y del Norte, con un compromiso de compra de 500.000 cabezas.

El gobierno turco informó ayer que "se vuelve al viejo sistema de compras de animales en pie, no hay más licitaciones y será abierto para todos los actores que tradicionalmente han operado", aseguró a Rurales El País el exportador Fernando Fernández.

El empresario explicó que la determinación fue tomada por el nuevo ministro de Agricultura y Alimentación de Turquía, que tiene como objetivo "reacomodar las compras de vacunos" y "cumplir con los plazos estipulados que no se alcanzaron con el sistema anterior".

La próxima semana la modificación será publicada en el boletín oficial.

La liberación de permisos es para la importación de vacunos desde América del Sur y del Norte, con un compromiso de compra de 500.000 cabezas. Fernández dijo que dentro del continente los mercados que compiten son Brasil, más competitivo en precios; Uruguay, con valores medios; y Estados Unidos, con las cotizaciones más altas.



Las posiciones más fuertes de ventas son las de Brasil y Uruguay, pero el empresario afirmó que varios importadores de Turquía prefieren pagar valores superiores por buena calidad como el producto norteamericano. De todas maneras, manifestó que las expectativas y ánimo de los exportadores son altas para trabajar con fluidez.

PARAGUAY

Qatar certifica la carne paraguaya

10 de Agosto de 2017 El Gobierno de Qatar finalmente aprobó el certificado sanitario para la exportación de carne bovina y productos cárnicos de origen paraguayo. Mediante este instrumento ahora la carne de nuestro país ingresará sin inconvenientes al mencionado país.

En junio pasado el Centro Cultural Benéfico Islámico de Asunción fue acreditado para la expedición del Certificado Halal. Anteriormente, la certificación corría por cuenta de la firma brasileña Fambras Halal Certificação Ltda.

La certificación Halal es un proceso de verificación para que el proceso de producción de la carne cumpla con los estándares que exige la religión musulmana. Desde el año pasado, la aerolínea de bandera, Qatar Airways, en sus vuelos sirve regularmente carne paraguaya.

Esta es la certificación número 74 que obtiene el país para el envío de carne al exterior. La intención del Gobierno es llegar al menos a 100 en el corto plazo.

Cortes especiales

La apertura del mercado qatarí era esperada con expectativa por los ganaderos atendiendo que permitiría la exportación de productos de primera calidad y de alto costo.

Otro dato relevante del mercado árabe es que no existen cupos de exportación lo que hace que la cantidad se rija directamente por la demanda. Se estima que la apertura de estos mercados donde existe un alto movimiento de turistas el consumo aumentará.

En julio pasado Emiratos Árabes Unidos también abrió su mercado para que nuestro país le provea carne bovina y avícola.

UNIÓN EUROPEA

EGIPTO volvió a comprar bovinos vivos de IRLANDA después de 20 años

08 August 2017 - Irish exporters expressed their willingness to secure a contract to supply cattle to the Egyptian market, according to AgriLand's website.

Daily News Egypt reports that this keenness came after lifting Egypt's ban on the import of Irish meat, which lasted for 20 years because of mad cow disease.

The website said that the Egyptian market has an annual demand of 150,000 cattle, predominately serviced by imports from South America.

"Earlier this week, the Department of Agriculture agreed health certificates with Egyptian authorities to allow fattening livestock to be exported to the North African market," said the website. "Irish exporters will be made aware of the country's cattle requirements in the coming days, and a number of high-profile shippers are thought to be keen on exporting Irish cattle to Egypt".

Under the agreed terms, Irish cattle are required to spend 21 days in quarantine prior to being shipped to Egypt.

In addition, the livestock destined to be exported must be under 12 months of age and less than 225 kg in weight at the beginning of this quarantine period.

Furthermore, exports to Egypt hinge on Ireland's bluetongue-free status, and all animals are required to have been kept in a bluetongue-free country since birth, according to the website.

This could give Irish cattle an advantage over those sourced from other countries, such as France. Like Ireland, French authorities agreed on health certificates with Egyptian officials in recent weeks.

However, a number of cases of bluetongue have been recorded in France this year, and this could potentially limit the country's ability to ship cattle to Egypt.

Regarding prices, the website said that Egyptian buyers will be particularly interested in securing Friesian-type cattle for further feeding. But the market price of these animals will most likely dictate the quantity, if any, exported from Ireland in the near future.

In 2016, an agreement was reached between Irish and Egyptian authorities to ship finished livestock to the North African market.

In 2016, the Egyptian buyers were willing to pay €2.60/kg for finished Irish cattle; approximately 50-60c/kg of this was set aside to cover assembly, transportation, and quarantine costs.

However, Irish cattle prices were too expensive and buyers for the Egyptian market were unable to secure the supplies they desired to make exports viable.



The Irish Farmers' Association's (IFA's) National Livestock chairperson, Angus Woods, has called upon the Minister of Agriculture, Food, and the Marine, Michael Creed, to include a visit to Egypt—focusing on live cattle exports—in his autumn schedule.

In March, a meeting between the president of the IFA, Joe Healy, and Egyptian Ambassador Soha Gendi to discuss the outlined details of a government project seeking 1 million head of livestock to be exported to Egypt.

The ambassador also explained that Ireland had been prioritised as one of the top countries, which Egypt hopes to cooperate with in relation to the project.

IRLANDA IFA identifica factores que perjudican a la ganadería vacuna

07 August 2017 - IFA National Livestock Chairman Angus Woods has accused the factories of undermining the beef market with unnecessary cattle price cuts geared at eroding confidence at farmer level.

He said the factory price cuts are not justified based on market returns, pointing out that cattle prices in our main market in the UK continue to rise to the equivalent of €4.48/kg.

In addition, he said there is no beef in stock. EU and international markets are stronger than last year and hide and offal returns are also higher.

Last year, there was a serious overhang of beef from the cull in the EU dairy sector, which is not the case this year.

On supplies, Mr Woods said the increase in the kill to-date, lower carcass weights, and the increase in live exports, will leave cattle supplies tighter than anticipated for the second half of the year.

The IFA Livestock leader said farmers need to be well armed with the true market position and not be manipulated or bullied by self-serving propaganda.

He said the base price for steers is generally €4.00/kg with some deals at €4.05/kg and all factories quoting €3.95/kg.

On heifers, he said the general base price is €4.10/kg but again plants are quoting less to frighten producers into selling.

Mr Woods said the mart trade remains firm with strong live export and farmer buying.

TheCattleSite News Desk

Acuerdo CANADA – UE estiman alto beneficio para productores canadienses

07 August 2017 Manitoba Pork Council - The President of the Canadian Agri-Food Trade Alliance is confident, once fully implemented, the trade agreement involving Canada and the European Union will be worth as much as one and a half billion dollars annually, Bruce Cochrane reports.

21 September has been set as the implementation date for the Comprehensive Economic and Trade Agreement involving Canada and the European Union.

Brian Innes, the President of the Canadian Agri-Food Trade Alliance, acknowledges unresolved issues on the beef and pork side related to food safety recognitions and on the crop side related to crop protection products and biotechnology traits will delay full access to Europe for Canadian agri-food exports, but the agreement holds tremendous promise.

Brian Innes-Canadian Agri-Food Trade Alliance

It's very positive that, after many years, we're finally seeing this agreement between Canada and Europe come into force.

For CAFTA members, and this represents most of our trade dependant export agriculture in Canada, we estimate that the total amount of increased exports that this agreement with Europe will bring is about one and a half billion dollars when it's fully implemented.

That's a pretty big number when you think about all the opportunity that we'll have with better access by getting rid of tariffs, having better control over some of the non-tariff measures as well.

One and a half billion dollars is a pretty big number,

We don't see that coming day one, on 22 September by any means but over time this could be very significant for Canadian agriculture.

Mr Innes says on day one some of the tariffs on canola oil and quotas on low protein wheat will be addressed allowing Canada to export right away, but access for beef and pork will have some difficulties, primarily related to food safety recognitions.

He says inconsistencies with the way Europe looks at certain provisions will mean not all of Canada's beef and pork processing plants will meet European requirements on day one and there are concerns related to crop protection products and biotechnology traits that the country includes in its canola, corn and soybeans.

TheCattleSite News Desk



ESTADOS UNIDOS

Ingresos a feed lots 16 por ciento por encima de junio de 2016

11 August 2017 US - Weekly data on feeder cattle trade volumes for July could be indicating an end to the surge in placements of cattle going into feedlots that has been so notable for the last five months, according to Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Feedlot placements in June were up 16 per cent from the prior June, pushing up placements for the April-June quarter by 12 per cent from a year earlier. Placements during the January-March quarter were up 8 per cent.

The four week total for feeder cattle market receipts from USDA-AMS (Agriculture Marketing Service) report SJ LS850 was 1,154,600 cattle compared to 1,180,000 cattle in July 2016, a 2 per cent decline.

Total receipts for the same weeks in June 2016 versus 2017 showed a 3 per cent increase this year.

The USDA-NASS estimate of 16 per cent year-over-year increase in animals placed during June was a bit of a shock to the cattle markets.

USDA-AMS collects trade volume data for three marketing channels; auctions, direct sales and internet or e-market transactions.

Just considering volume through the first two channels gave a better indication of feedlot placements that were realized in June.

Auction receipts in June were up 10 per cent from a year earlier and direct trade volume was up 14 per cent.

USMEF prevé que JAPON continuará importando pese a aumento del arancel

By Ashley Davenport August 10, 2017 The U.S. Meat Export Federation (USMEF) said Japan is continuing to buy U.S. beef. Exports to the island country continued to gain momentum in June, with volume up 7 percent and value up 13 percent compared to 2016.

While demand for U.S. beef is very strong in Japan's retail and food service sectors, frozen exports to Japan face a higher tariff rate through March 2018. The tariff on U.S. frozen beef has risen from 38.5 percent to 50 percent.

Don Close, senior analyst of animal protein at Rabobank, said this increase is "terribly frustrating," but it isn't the worst thing that could happen.

"Since the big move in currencies in early July, if you take the surge in values in the Australian dollar, the slight increase in the Japanese yen and the weakness in the U.S. dollar, if you take what it cost Japan to buy product from Australia in U.S. dollars and what it cost them to buy product with U.S. dollars, it's almost a direct offset," he told U.S. Farm Report host Tyne Morgan.

2017 Faena aumenta pero a un ritmo inferior que el año pasado

By Derrell S. Peel, Oklahoma State University Extension August 10, 2017 | Total cattle slaughter is up 5.9 percent year over year for the year to date. This follows a 6.4 percent year over year increase in 2016. However, steer slaughter (which makes up more than half of cattle slaughter) is growing more slowly in 2017 and is up 3.5 percent so far this year compared to 2016. The year to date increase is declining as weekly steer slaughter has averaged just 1.1 percent year over year increases since late April. Steer slaughter peaked seasonally in June and will trend lower week to week for the remainder of the year. On July 1, the number of steers in feedlots was 1.4 percent above last year and is projected to keep steer slaughter growth relatively low for the remainder of the year. Total annual steer slaughter may be limited to less than a two percent year over year increase in 2017.

Heifer slaughter is up 10.5 percent so far in 2017. This compares to a 4.7 percent year over year increase in 2016. The July 1 heifer on feed inventory was 10.6 percent higher than one year earlier. Heifer slaughter is likely to remain elevated for the rest of 2017. Increased heifer slaughter and heifer on-feed inventories likely indicate a slower pace of heifer retention in 2017. However, average steer to heifer slaughter ratios are still very large compared to historical averages. It will be some months before heifer slaughter increases to typical levels compared to steer slaughter. Seasonally, heifer slaughter decreases from a spring peak to lower summer levels before increasing slightly through the third quarter.

So far in 2017, beef cow slaughter is running 10.4 percent above 2016 levels. This follows a 13.7 percent year over year increase in 2016. Although increased beef cow slaughter is consistent with slower herd growth, it does not indicate herd liquidation or even zero herd growth. If beef cow slaughter continues at the current pace (as projected) through the end of the year, net culling for the beef herd will still be under nine percent and less than the long term average culling rate. The sharp increase in beef cow slaughter in 2016 and 2017 is mostly the result of very low culling during herd expansion since 2014. More cows in the herd plus previously delayed culling means that a substantial increase in beef cow slaughter is inevitable. By 2018, herd culling rates may return to typical levels. Beef cow slaughter typically increases sharply in the fourth quarter to a seasonal peak but is projected to maintain the current year over year levels for the



remainder of the year. Dairy cow slaughter has increased recently bringing the current year to date level up to 3.0 percent above last year. This follows a 1.0 percent year over year decrease in 2016. Total cattle slaughter in 2017 is projected to increase 4.5 to 5.0 percent year over year. Cattle slaughter will likely increase another 3.5 to 4.0 percent in 2018 with larger feeder supplies; less heifer retention; and increased cow culling all pushing slaughter higher through 2018.

Mejoran los márgenes a lo largo de toda la cadena

By Sara Brown, Livestock Digital Producer August 07, 2017 From packers all the way down to cow-calf producers, current prices this summer are turning profits far into what is typically a seasonal lull. From packers all the way down to cow-calf producers, current prices this summer are turning profits far into what is typically a seasonal lull.

There are few losers in the cattle market right now. From packers all the way down to cow-calf producers, current prices this summer are turning profits far into what is typically a seasonal lull.

While packer margins ended July very high, feedlot margins also remained high. Consumer demand for beef has outpaced many expectations and is supporting these higher prices throughout the summer months.

From the weekly Sterling Beef Profit Tracker, cattle feeders saw profits fall \$30 from the week prior. For the month, packers saw July profit margins only drop \$31 from the previous month. Packers were still netting \$162.68 per head, according to Sterling Marketing, Inc.

Buen primer semestre para las exportaciones de carnes bovinas. Japón y Corea colaboraron

TheCattleSite News Desk 09 August 2017 US - US pork and beef exports continued to trend above year-ago levels in June, capping a very strong first half of the year.

According to statistics released by USDA and compiled by USMEF, exports also achieved higher values on a per-head-slaughtered basis and accounted for a steady-to-higher percentage of total production.

June beef exports were the largest of 2017, reaching 109,554 metric tons (mt) – up 11 per cent year-over-year and the largest June total since 2011. Export value increased 10 per cent to \$602.5 million. For January through June, beef exports were up 12 per cent in volume (606,876 mt) and 15 per cent in value (\$3.35 billion) compared to the first half of last year.

Exports accounted for nearly 13 per cent of total US beef production in June and 10 per cent for muscle cuts only – each about even with a year ago. The ratios were the same for January through June, which was also steady with the first half of last year. Export value per head of fed slaughter averaged \$264.51 in June, up 6 per cent from a year ago. Through June, per-head export value was up 8 per cent to \$269.21.

"In this time of large red meat production, the upward trend in per-head export value and in the percentage of production exported is especially critical to the industry," said USMEF President and CEO Philip Seng.

"These metrics confirm that we're not simply exporting more red meat because more is available – those exports are also generating excellent returns. It was also gratifying to see that the US trade deficit narrowed in June due to an expansion of exports, knowing that the red meat industry made another solid contribution toward that effort."

Chilled beef to Asia drives first-half growth, but exports increased to most destinations

Beef exports to leading market Japan continued to gain momentum in June, with volume up 7 per cent to 27,521 mt and value up 13 per cent to \$174.4 million (the highest since 2000). First-half exports to Japan exceeded last year's pace by 23 per cent in volume (150,812 mt) and 28 per cent in value (\$905.8 million). This included a 40 per cent increase in chilled beef exports to 70,807 mt, valued at \$511 million (up 38 per cent), as the US captured more than 50 per cent of the chilled beef market. While demand for US beef is very strong in Japan's retail and foodservice sectors, frozen exports to Japan face a higher tariff rate through March 2018. See more details on this issue online.

June exports to South Korea were the largest since January at 14,701 mt, up 14 per cent from a year ago, valued at \$92.4 million (up 20 per cent and the highest of 2017). First-half exports to Korea were up 13 per cent in volume (83,357 mt) and 21 per cent in value (\$527.7 million). The US also captured more than 50 per cent of Korea's chilled beef market as chilled exports totaled 18,816 mt (up 83 per cent year-over-year) valued at \$166 million (up 86 per cent).

Other first-half highlights for US beef exports included:

- Exports to Taiwan totaled 20,376 mt (up 19 per cent from a year ago) valued at \$179 million (up 26 per cent). This included chilled beef exports of 8,178 mt (up 19 per cent) valued at \$93.5 million (up 22 per cent) as the US captured more than 70 per cent of Taiwan's chilled beef market.
- After a slow start to the year, exports to Hong Kong rebounded to post double-digit first-half gains in both volume (56,846, up 11 per cent) and value (\$357.4 million, up 17 per cent).



- Exports to Mexico increased 3 per cent in volume (114,923 mt) while slipping 3 per cent in value (\$459.7 million). But muscle cut exports to Mexico – mainly shoulder clods, rounds and other end cuts – fared better, increasing 9 per cent in volume (61,782 mt) and 2 per cent in value (\$353.8 million).
- Led by a doubling of exports to Viet Nam and Indonesia and strong demand in the Philippines, exports to the ASEAN region increased 85 per cent in volume (20,532) and 61 per cent in value to \$99 million.
- Fueled by strong growth in Chile, Guatemala and Colombia, exports to Central and South America increased 11 per cent in volume (19,137 mt) and 5 per cent in value (\$83.8 million). Exports to Brazil, which began in late April, totaled 412 mt of muscle cuts and 651 mt of variety meat at a combined value of \$2.6 million.
- After reopening in 2016, South Africa quickly emerged as the fourth-largest destination for US beef variety meat, with first-half exports (mainly livers) reaching 7,849 mt – an increase of nearly 500 per cent from a year ago – valued at \$6 million.

Reporte del USDA cuestionó el servicio veterinario de CANADA

By Greg Henderson August 10, 2017 A recent U.S. Department of Agriculture audit of Canada's meat, poultry and egg inspection systems found "systemic" inspection and sanitation problems which raise "significant questions about the Canadian system."

The report is from a series of "onsite equivalence verification" audits conducted by USDA's Food Safety and Inspection Service (FSIS) last September at seven Canadian slaughter and processing facilities. The most "significant" concern, FSIS said, was the Canadian inspectors were not conducting carcass-by-carcass inspections for contaminations by "feces, milk or ingesta" before stamping the carcasses as inspected. Such contamination is a primary pathway for pathogen transmission, including E. coli.

"Post-mortem inspection procedures that do not ensure carcass-by-carcass inspection . . . raise significant questions about the Canadian system," FSIS officials wrote in the audit.

The audits were conducted in September 2016 in slaughterhouses in Alberta, British Columbia, Ontario and Quebec and shared with the Canadian Food Inspection Agency in April.

According to the report, the U.S. rejected a total of 1.7 million pounds of Canadian meat and poultry at the port of entry, of which about 130,000 pounds were found to have been contaminated with fecal matter, ingesta or other pathogens. A total of about 4.8 billion pounds of meat and poultry were exported to the U.S. from Canada during that time period.

The U. S. requires carcasses to be inspected by a government inspector to confirm they aren't contaminated before they are stamped "inspected and passed." The rule applies both to meat from the U.S. and carcasses imported into the country. The U.S. government could temporarily ban Canadian plants from exporting their products to the United States if the requirements aren't met.

The Canadian Food Inspection Agency issued a statement claiming Canada's food system is safe.

"Both Canada and the U.S. have rules that prohibit the production of meat from carcasses that are contaminated," CFIA spokeswoman Maria Kubacki told CBC News. "Both countries have high standards for food safety. Canada and the U.S. have different approaches to verify that carcasses are free of contamination, and neither Canada nor the U.S. tolerates contamination on food animal carcasses."

VARIOS

AUSTRALIA: signos de mejora en la producción de carnes bovinas

10 August 2017 The combination of deteriorating seasonal conditions, recovering herd numbers and seasonal female turn-off resulted in Australian cattle slaughter and beef production registering its first year-on-year growth in two years.

A total of 658,985 adult cattle were processed throughout June, up 7% year-on-year. This rise, along with heavier carcasses, resulted in an 11% increase in beef production which totalled 195,344 tonnes cwt for the month (ABS).

The increased number of cattle consigned to processors reflects the drying seasonal conditions and poor rainfall outlook for much of the country. Higher numbers of males processed drove the overall rise in June – up 13% to 338,914 head.

The higher number of males being slaughtered compared to year-ago levels has been apparent in recent months. However, looking at short term month-to-month change, the male proportion of the adult cattle kill has actually declined.

Female cattle slaughter was up 1% from last year, to 320,071 head – accounting for 49% of the Australian adult cattle kill during June. This proportion remains well-below both year-ago levels and the five-year average and is in line with the seasonal increase in female turn off.



JAPON Nuevo Ministro de Agricultura no revisará el régimen de importación de carnes bovinas

09 August 2017 - Ken Saito, newly appointed minister of agriculture, forestry and fisheries, says he is not considering rethinking the country's safeguard emergency import restriction system for beef, which has been criticized by the United States.

"The safeguard was introduced in exchange for tariff cuts (on imported beef), and we are not reconsidering it," Mr Saito said in an interview on Friday, the day after he took office in a Cabinet reshuffle.

"It is important to talk more with the US side and gain their understanding."

The Japan Times reports that under the system, based on World Trade Organization rules, Japan has carried out an emergency tariff hike for frozen foreign beef in response to soaring imports. Japan is the biggest beef export market for the United States, according to US data.

Mr Saito also said he is not planning to conclude a bilateral free trade agreement with the United States.

He stressed that the Trans-Pacific Partnership free trade agreement, which the United States quit earlier this year, is the "most significant in Japan's trade strategy."

Mr Saito defended central government subsidies to prompt producers of rice as a staple food to switch to the production of rice for feed, saying that the aid is not designed to protect farmers.

The subsidy programme is aimed at maintaining rice paddies, which take a lot of time to recover once production is stopped, he said.

"The point is whether consumers agree to pay several yen per day for food security in order to prevent our children and grandchildren from starving," he said.

Mr Saito said it is "natural" to take protective measures for domestic agricultural producers to prepare for market liberalization under the Japan-European Union economic partnership agreement, over which the two sides reached a broad accord last month.

"Meanwhile, we will also consider steps to take the offensive in exports to the EU, which will abolish most of the tariffs on agricultural products from Japan," the minister said.

EMPRESARIAS

JBS recuperó R\$ 7000 millones en su valor de mercado

09/08/17 - por Equipe BeefPoint As ações da JBS registraram forte valorização ontem na B3, completando cinco pregões consecutivos em alta. Os papéis fecharam a sessão cotados a R\$ 8,55, com alta de 7,55% – a maior entre os papéis que compõem o Ibovespa. Além disso, a cotação foi a maior já registrada desde o dia 19 de maio, quando ficou em R\$ 8,71, o que já aproxima a JBS do valor pré- delação dos irmãos Batista.

Com a alta de ontem, que fez o valor de mercado da empresa de carnes sair de R\$ 21,7 bilhões na segunda-feira para R\$ 23,3 bilhões, as ações da JBS superaram a casa dos R\$ 8,00 pela primeira vez desde 31 de maio.

Assim, a JBS já recuperou R\$ 7,013 bilhões em valor de mercado desde seu pior momento, em 22 de maio, na primeira semana após a divulgação da delação dos irmãos Batista. Naquele pregão, a ação da empresa atingiu a mínima de R\$ 5,98, e o valor de mercado caiu para R\$ 16,318 bilhões.

De todo modo, os papéis da JBS ainda estão abaixo da cotação vista no dia 17 de maio, o último pregão antes da divulgação da delação. Na ocasião, o valor de mercado da empresa era de R\$ 25,921 bilhões.

Proprietarios de JBS entregan información sobre esquema de corrupción

07/08/17 - por Equipe BeefPoint A defesa do presidente da J&F (controladora do frigorífico JBS), Wesley Batista, entregou à Procuradoria-Geral da República na quarta-feira (2) o relato sobre esquema de pagamento de propina para fiscais do SIF (Sistema de Inspeção Federal).

As informações fornecidas pelo acionista do grupo fazem parte do acordo de delação premiada assinado com a força-tarefa da Operação Greenfield, que investiga investimentos de fundos de pensão e tem como um dos alvos a Eldorado Celulose, empresa do grupo J&F.

Ainda falta que os advogados dos executivos entreguem aos procuradores a lista com os nomes dos fiscais que teriam recebido suborno e os documentos que comprovariam essas transações ilícitas.

O relato de Wesley Batista aponta um esquema de corrupção generalizada no SIF. O empresário diz que todas as empresas do ramo tinham que pagar propina aos funcionários do órgão e que a JBS alertou o Ministério da Agricultura sobre o problema, mas nada foi feito.

Os fatos narrados pelo empresário coincidem com o foco da Operação Carne Fraca, também da PF, que investiga corrupção no setor de produção de proteína animal.

Fonte: Folha de São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.



Marfrig reabre uma planta

11/08/17 - por Equipe BeefPoint A prefeitura de Ji-Paraná (RO) afirmou que a Marfrig vai assumir unidade desativada desde 2010 do Frigorífico Frialto no município. O prefeito Jesualdo Pires (PSB) se reuniu na terça-feira (8) com diretores da empresa para tratar dos detalhes. A prefeitura diz que a unidade terá capacidade para mais de 1.500 abates diários.

A Marfrig foi procurada, mas não confirmou a retomada das operações nos dois municípios nem quis comentar. A empresa está em período de silêncio até a divulgação dos resultados financeiros do segundo trimestre deste ano que será feita na segunda-feira, após o fechamento do mercado.

No início do mês passado, no entanto, a empresa afirmou que está readequando a capacidade fabril da sua divisão Beef no Brasil. O processo inclui a reabertura, a partir da 2ª quinzena de julho, das unidades frigoríficas de Nova Xavantina (MT) e Pirenópolis (GO); e a expansão da produção, iniciada em junho, de quatro unidades frigoríficas, nos Estados de Goiás, Mato Grosso, Pará e Rondônia. A empresa estimava que, após a implementação total dessas ações, a operação brasileira da divisão de carne bovina elevaria sua capacidade efetiva em torno de 25% em relação ao patamar atual.

Fonte: Estadão, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.